

Todos os operários conscientes devem auxiliar monetariamente os corticeiros na sua luta

A última farça dos ditadores de Espanha

A Espanha fechou as suas portas e janelas ao mundo. Não quer que se saiba o que, dentro dela, se passa, a não ser através das versões dimanadas de Primo de Rivera que tudo ocultam e tudo deturpam. Sabem-se com mais rapidez o que se passa na China longínqua do que na Espanha fronteiriça.

A ditadura militar deu-se às garas ao telégrafo e impediu-o de comunicar pela Europa. De modo que só tarde, demasiado tarde, se sabe o que se passa no país dos padres, dos militares e dos jesuítas.

A que obedeceria esta última farça do rei Afonso XIII? Adivinha-se, e adivinha-se através de factos ainda mal conhecidos, que existe em Espanha uma forte corrente de opinião inimiga da actual situação e que deseja, e ardentemente, acabar com a opressão estabelecida por jesuítas e mantida por espadas que se amolgaram em Marrocos.

Essa corrente de opinião não possui nenhum meio legal de se manifestar. Não sabe completamente o que se passa em Espanha porque a nenhum espanhol assiste o direito de pensar em voz alta. A imprensa está sufocada, a censura que sobre ela incide é pesada e opressiva.

E' ainda hoje proibida a narração, ainda que sem comentários, de qualquer facto, mesmo insignificante, desde que ele desprestigie os ditadores, e o direito de reunião continua coartado.

A farça ultimamente representada por Afonso XIII e pelos generais demonstra que se recuou, cedendo-se na aparência, para não se ceder de facto. O Directório estava condenado, e irremediavelmente, pela opinião pública. O rei deita abaixo o Directório e nomeia em seu lugar um ministério. Pega nos membros do Directório e forma com eles o ministério.

Para que o que se chama ministério ficasse igual ao que se chamava Directório não bastou terem ficado os mesmos homens, atribuído-lhes os mesmos poderes, desfigurados. A normalidade constitucional continuará abolida, mantida a censura à imprensa, suprimidas todas as garantias individuais.

Sintetizando: a mesma situação, com os mesmos homens, mas com rólulos diferentes. A ditadura prossegue, supondo os dementados que a dirigem que ela se fortaleceu, evitando um golpe fatal só porque se fizeram umas modificações aparentes.

Ficaram contentes os que em Espanha são contrários à ditadura com a transigência aparente de Afonso XIII? Pelo contrário. A indignação redobrou e justificadamente. Ninguém se podia contentar com uma mistificação tão grosseira. Ninguém admite que se cometa semelhante zombaria. A mentalidade contemporânea não é a mentalidade medieval.

A luta que se travou em Espanha não gira em torno de subtilidades bisnatinas. Não se trata de adorar ou odiar abstrações, não se faz mera questão de termos. Que importa que a ditadura se intitule Directório ou se denomine Ministério. A luta que está travada é entre a liberdade e a ditadura. A luta só acaba quando os generais recolham às casernas e a ditadura cesse definitivamente.

A transigência aparente é uma infâmia que só podia ter partido de criaturas enlameadas, sem inteligência e sem nenhuma visão política. Não se salva uma podridão deste modo, não consegue perdurar uma tirania quando os tiranos fazem momeies de arlequim de circo.

A monarquia espanhola está sofrendo do isolamento. Pior do que os clamores indignados da opinião é o silêncio que se impõe a um país. A livre expressão do pensamento é a eterna inimiga dos despostos. Suprimi-la seria suprimir um perigo, se porventura fosse possível, embora à custa das maiores violências e das maiores infâmias, impedir um povo de pensar. O ditador consegue apenas, e transitivamente, amordaçar o pensamento. Mas amordaçar não é suprimir. E o povo não pode estar eternamente amordaçado. Desde que compreende que para viver só tem um caminho: a revolta, envereda por ele ousadamente. E triunfa, triunfa levando adiante de si os despotas acobardados e vencidos...

ENQUANTO OS SALÁRIOS DESCEM... Como se faz fortuna

Os salários, os magríssimos salários dos trabalhadores estão sob a ameaça constante de sofrerem graves amputações, isto é, estão na contingência de se sujeitarem a uma operação financeira.

Muito à sucapa, uns, descaradamente outros, muitos industriais e comerciantes agitam o fantasma do desemprego, e alcançam que os seus assalariados redobrem de trabalho, façam serões, substituam colegas despedidos, para que não sofram um corte, a tal operação, nos seus vencimentos.

A par desta miserável especulação ao lado desta miséria, desta vileza, aparecem uns cavalheiros, apetrechados de finíssimas teorias económicas, pretendendo justificar a grande patifaria.

Claro que até hoje ainda não houve uma clara razão que perguntasse a esses cavalheiros, autênticos cavalheiros de indústria, como vivem, como conseguem eles vencer as tremendas horas de angústia, quando se aproxima o momento de um pagamento que já vem avançando sobre o anterior que não foi possível satisfazer.

Ainda ninguém se preocupou saber como conseguem equilibrar a sua vida, esses técnicos senhores, que entendem que os trabalhadores, podem e devem, por dever patriótico, exigir de mãos postas a redução dos salários.

Como é que a eles lhes chega o dinheiro, como conseguem obtê-lo, como aparecem gastando à larga e atirando insolências sobre quem trabalham, os que lutam, os que sofrem?

Evidentemente, não trabalhando. E quem não trabalha—pode permitir-se a infâmia de defender o corte no salário dos trabalhadores.

Mas não trabalhando? Como conseguem esses cavalheiros viver?

Do fundo das minas, junto à boca das fornais, ou enterrados no lódo dos patifos, os trabalhadores, que não compreendem a vida sem o trabalho, que não sabem dissociar o dinheiro das horas de labor intenso, perguntam curiosos:

—Sim! Mas, afinal, como viverão essas criaturas sem trabalhar?

A história das grandes fortunas, com a pirataria nas colónias, antes da guerra, ou com as espantosas especulações depois, são conhecidas, porque sempre que houve colónias, e desde que tem havido guerras as fortunas firmam-se como natural consequência da supuração desses dois cancores.

A riqueza dos grandes potentados, dos que manejam o Parlamento, dos que fazem a lei, dos que dominam o Estado, daqueles que são, enfim, a própria lei, o próprio Estado, é um facto consumado há séculos, e é contra ele que todos nós nos revoltamos.

Esses potentados, aparentemente imóveis, como coisas eternamente estaveis, apoiados pelo Estado e pela Religião, escudados na lei, protegidos com a divindade, mascararam habilissimamente a sua existência de corários, de corvos, porque nunca apareceram frente a frente, como indivíduos, mas sim como instituições...

Mas há os que não mascararam, os que não se encrebaram na lei, os que não mobilizam princípios institucionais. Há os que roubam, mas roubam positivamente, descaradamente, os que sugam a nossa existência contra a própria lei, levando uma vida de autênticos bandedeiros, em crimes punidos, previstos pelo próprio código.

Lisboa está cheia destes pequenos bandedeiros, destes autênticos piratas, mil vezes mais terríveis que o Estado, o código, a lei.

Poukam, saltitam à nossa volta, como nubes de mosquitos, num terreno pantanoso. A sua existência é a maior condenação da época, que atravessamos, porque nos revela uma época de espantosa podridão.

Avidos de fortunas, esses parasitas procuram por todas as formas obter dinheiro, e então dedicam-se, às claras, a toda a espécie de infâmias.

O custo da habitação está caro, mas até certo ponto a lei finge que regula as relações entre senhores e inquilinos. A exploração não tem o franco aspecto do roubo. Mas os tais parasitas vão além da lei, e então arranjam de um dia para o outro, casas, inventando-as, fazendo-as surgir, como num conto fabuloso de ladrões, da maneira mais fantástica que imaginar se possa. De uma sala improvisam quartos para cinco pessoas. De um sótão fazem moradias para seis famílias, de um vão de escada conseguem arranjar dormitório para dois e três desgraçados.

São esses vampiros que mais de perto nos sugam. E' positivamente com o nosso sangue que eles vivem. Como a vida é impossível com o aumento dos défices, vem a necessidade do empréstimo, e aí temos os mesmos canalhas exercendo uma espantosa usura, que amordaça a vida da grande maioria da população da cidade.

Lisboa está nas garras dessa quadrilha, que lhe rouba os haveres, o pão, o sangue, na infamíssima ladrocinha dos juros.

Negociam em tudo, esses tralantes, até com a carne das virgens, arrancadas à província, num verdadeiro tráfico de negreiros da pior espécie. Há vampiros, há miseráveis que acumulam todos estes abjectos negócios.

Roubam desgraçados provincianos, a quem prometem fortunas ganhas na burla da emigração; mantêm suas inteiras com quartos sub-alugados; casas onde se exerce a espantosa indústria do amor, e emprestam dinheiro a juros impossíveis.

Pois são quase sempre estes patifes que mais advogam a baixa dos salários dos trabalhadores.

E. F.

Rendimentos dos operários

NEW-YORK, 5.—A explosão numa lâmpada de mineiro originou um forte desastre numa mina de Boulder, no Colorado, de que resultaram 40 mineiros mortos e muitos feridos.

BERLIM, 5.—Uma forte explosão numa fábrica de Neusenburg causou três mortes e vários feridos.

Os responsáveis da grande guerra

São agora decorridos mais de onze anos desde que começou a guerra mundial e ainda aparecem de vez em quando publicações especiais e artigos de jornais e de revistas, discutindo as causas que originaram aquele desumano conflito e as responsabilidades respectivas.

Mas a verdade real foi já patenteada e todos devem conhecê-la. Quem talvez saiba menos desta questão, é quem pagou mais sangue e sacrifícios: o proletariado.

E' sobejamente conhecido que no princípio da guerra e durante os anos a seguir, não se fez outra coisa senão lançar todas as responsabilidades sobre os imperios centrais e dum modo especial sobre o império alemão. Perante esta acusação formidável, nós que fomos sempre os mais decididos e implacáveis adversários do imperialismo alemão, como de todos os outros imperialismos, encolhemos os ombros, e remontando às fontes desta guerra moderna, atribuímos imparcialmente a responsabilidade a todos os grandes estados capitalistas: a todos sem excluir nenhum.

Basta citar, a este respeito, uma passagem da ordem do dia que foi aprovada pelo Conselho Geral da União Sindical Italiana na sua sessão de 14-15 de Setembro de 1914—isto é, pouco mais de um mês depois do começo da guerra europeia—para recordar o nosso primeiro e nunca mudado juízo acerca da responsabilidade dos estados na própria guerra. Diziamos, entre outras coisas, naquela ordem do dia:

O Conselho Geral da U. S. I., considera o imenso conflito europeu como a consequência lógica da política imperialista dos grandes Estados tendente à sua respectiva hegemonia politico-militar na Europa para assegurar a hegemonia económica no mundo, à custa do esmagamento, com a mais brutal e ignominiosa violência militar, da autonomia nacional dos povos menos fortes.

A nossa aversão à intervenção da Itália na guerra, depois desta premissa prejudicial, era lógica e inevitável, e em tal sentido termina a longa ordem do dia aprovada. Mas os perspicazes, os inteligentes não éramos nós. Não, eram os intervencionistas que pontificavam naquele tempo, na política estrangeira, na sábia diplomacia, na ciência de guerra... revolucionária, etc., como outros tantos Napoleões. O bom senso proletário, a lógica de classe revolucionária, que brotam das ideias sociais professadas e da longa experiência da vida dos oprimidos, não valiam nada. Eram, para os novos estratégicos da guerra, leituras mal digeridas de opúsculos de quatro "soldados". E escarneciam-nos pelas nossas afirmações que tinham o valor de ser simples, claras, "laplacinianas", e sobretudo, compreendidas e partilhadas pela grande maioria do povo italiano: povo de trabalhadores.

Todos os nós, porém, "vêm ao pente". E até o nó górdio da responsabilidade de guerra foi desfeito, e a verdade resultante deu-nos plenamente razão. Com a magra consolidação de ver triunfar a nossa tese só depois da destruição do mundo, de que se suportam, e se suportarão, por longo tempo ainda, as dolorosas e trágicas consequências.

"Foi a Alemanha que quis a guerra, porque achava que o seu lugar no mundo era muito pequeno, e não estava satisfeita com a parte que o destino lhe tinha dado na Europa, Ásia e África, e foi colhida por uma espécie de embriaguez e de vertigem". Nestas sintéticas linhas apresentou Poincaré até há pouco o problema grave da responsabilidade da Alemanha. Mas eis que o próprio Poincaré, tornando a ocupar-se há poucos dias da questão numa revista americana (Foreign Affairs) desmente tudo quanto tinha por muitos anos afirmado. Segundo o recente estudo de Poincaré:

Grécia, de mão fechada e voltada para a S. D. N., a responder-lhe: é o levas!

NOTAS & COMENTÁRIOS

Liberdade de reunião...

As sessões de protesto contra as deportações anunciadas para sexta-feira com excepção duma, foram proibidas pela polícia. É uma medida que não nos cansaremos de considerar arbitraria, é uma medida que não poderemos aceitar sem um vivo protesto, sem a nossa formal repulsa. A polícia que se sobrepõe à Constituição, a polícia que desdenha o direito da magistratura continua a afirmar-se o único poder da República. Por sua vez os poderes judicial, legislativo e executivo prosternam-se perante a sua magestade para quem todas as liberdades são letra morta no país.

Por quanto tempo será assim?

E' o Jovens...

Segundo reza um telegrama de Genebra, a comissão de inquérito ao incidente greco-búlgaro propôs à Sociedade das Nações a imposição de uma indemnização pela Grécia à Bulgária de 30 milhões de "levas".

E' simplesmente pitoresca esta forma de resolver conflitos. Degradam-se dois exércitos, matam-se homens de parte a parte e por fim a bônica S. D. N. decreta uma indemnização que, além de não ressuscitar as vidas imoladas, nem sequer atingirá as famílias que as ficaram chorando.

A nós, parece-nos estar daqui a ver a

EFEITOS DUM DECRETO

As razões que determinam o encarecimento das carnes e a sua falta no mercado

Voltamos à liça com a questão das carnes. Aproveitamos-nos, para o fazer hoje, dos elementos que o nosso reporter colheu ontem numa larga digressão pelo Mercado Geral de Gados e pelo Matadouro Municipal. No primeiro estabelecimento pouco de interesse para reportagem. Marchantes na sua linguagem picaresca exprimiam em termos de infinita satisfação a sua alegria por terem ao seu serviço um governo de imbecis. No Matadouro, movimento muito frouxo, empalidecido com o dia chuvoso. Entravam na ocasião em que tirávamos notas 97 vezes. Uma cara amiga, um operário conhecido deste jornal, vem dizer-nos que os marchantes estão radiantes, vem referir que há dias que no Matadouro só se abatem 25 vezes, quando a média é de 100.

Chegou, finalmente, um dos funcionários mais conhecedores dos meandros do Matadouro. Estávamos na presença da criatura mais autorizada para falar à Batalha sobre o problema das carnes. Expostos os nossos desejos, o ilustre colutor preveniu-nos logo de começo, que não consentiria o seu nome na imprensa, não fosse alguém insinuar que o nosso informador falava por vingança. Respeitamos a prevenção, tanto mais por sabermos que s. ex., a exemplo do que já fez e sobre o mesmo problema, não se arrecearia em dar à Batalha uma entrevista.

Feita a necessária advertência, vamos às declarações do nosso amavel entrevistado.

—O aumento do preço das carnes—principiou—está directamente ligado ao decreto que proibiu a importação de gado estrangeiro exactamente no momento em que se permitia a exportação de gado nacional.

—Como assim?

—E' mister uma explicação. Por ser insuficiente para as necessidades de consumo, resolveu-se em tempos, e muito bem, que fosse permitida a importação de gado estrangeiro.

—Como não ignora, foram adquiridas milhares de rezes na Argentina para consumo da cidade de Lisboa.

—Tendo a experiência trazido para a economia nacional um aprecivel resultado, o gado argentino passou a prover as necessidades de consumo e a ser importado todos os meses.

—Porque foi proibida a importação se ela nos trazia vantagens?

—Isso meu caro amigo não é de minha competência. Todavia, não é demais os leitores da Batalha saberem que o decreto que proibiu a entrada em Portugal de gado estrangeiro foi sugerido pelo Conselho Superior de Agricultura, corpo com funções meramente consultivas...

—Pode informar-nos quem é que compõe o Conselho Superior de Agricultura?

—O Conselho Superior de Agricultura é composto por alguns lavradores, destacando-se entre eles um cavalheiro de nome Mexias.

—Mas esse conselho tem atribuições tão latas?

—E' isto que o senhor vê. O resto é teoria que não milita no nosso caso. Também convém saber-se que o Conselho Superior de Agricultura sugeriu ao ministro a proibição da entrada de gado, pretextando a protecção à lavoura nacional. A protecção à lavoura principiava a ser feita em benefício do sr. Mexias que duma acentada conseguiu a venda de 15.000 carneiros que lhe pertenciam...

A conversa deslisou agora para a autorização concedida pelos governos para a saída de gado para Espanha. O nosso colutor explica:

—Há também uma coincidência, se coincidência se pode classificar, que mais veio agravar o problema das carnes. Já disse que na altura que foi proibida a entrada em Portugal de gado estrangeiro foi autorizada a saída de gado nacional para Espanha e outros países. Precisamente na altura que isto se dava, no país vizinho, tão rigoroso até ali em medidas contra os contrabandistas de carnes, Primo de Rivera autorizava a entrada de gado de procedência portuguesa em Espanha...

—Dessa autorização resultou o inevitável: Os lavradores espanhóis favorecidos pela situação cambial do seu país têm feito colossais aquisições de cabeças de gado no Minho e noutras províncias, enquanto em Lisboa e noutras cidades falta a carne!

—Quisemos agora ouvir a autorizada opinião do nosso amavel entrevistado sobre os efeitos da medida governamental. Sem laivos literários ali a fica:

—A falta de carne de vaca no mercado é o principal factor do encarecimento dos géneros. Quando o precioso alimento abunda, os géneros não podem subir de preço porque o público preferiria imediatamente a carne. Esta é, como vê, o fiel dos preços...

—Além desta circunstância havendo muita carne de vaca os preços da carne de gado, carneiro e de porco mantêm-se equilibrados. De contrário não, como sucedeu agora: O carneiro custa mais um escudo em quilo e a carne de porco que antes do decreto custava 90800 a arroba, uma semana depois custava 105800 e actualmente 112850!

Já quando nos despedíamos:

—Com o desequilíbrio provocado pelo decreto que tenho estado a autopsiar, resultam as inconveniências já referidas e estoura: O Matadouro Municipal teve um decréscimo semanal de 15 contos na sua receita, diminuição que a agravar-se poderá ferir os legítimos interesses do seu pessoal operário.

ALIGIO.

A QUESTÃO DOS DRUSOS

BEYROUT, 5.—O sr. Dr. Jounel recebeu os representantes alaunitas e do Grande Liban, exprimindo o desejo de que eles próprios estudem uma constituição drusa, dentro dos limites permitidos pelo mandato.

A tradição responde com exuberância aos tropos tradicionalistas dum literato incipiente

Um notável cantador do fascismo, escritor de um estilismo nervoso e polvilhado de frases macabras *à sensation*, aparece-nos à esquina da vida a buzinar-nos que "misteriosamente... a onda salvadora da reacção portuguesa, em cujo influxo se abre o segredo de todas as renascenças", avança em tropel.

O autor dos três extravagantes milagres de Fátima, aos quais já em tempos me referi, não se cansa de badalar nas suas crónicas os seus impertinentes e fúnebres dúbios a finados por alma duma sociedade—que ainda não existe—que tenha por constituição moral o respeito mútuo e a liberdade individual e colectiva de todos os seres humanos.

Em tons cavos de estarrecer os mais intrépidos, o sr. "conde", embuçado, à "esquina da sua vida de espadachim medieval", na sua nobre capa bordada a matiz, lança-nos o glacial pregão de que "ressurgem os espectros gloriosos" para, misteriosamente, "no meio da inércia do pântano", virem trazer "toda a renovação das seivas antigas em plena força e em plena virgindade..."

São esses espectros gloriosos vindos das sombras do passado e focados agora pela extranha ribalta literária do sr. João, tornado evangelista de um absolutismo à D. Miguel—que veem, num "germinar surdo, no silêncio expectante da Raça", levantar a "clareza nova" com "o espelho da luz de outrora", representado no ressurgimento dos espectros gloriosos...

Sempre neste elegante estribilho de frases melodramáticas, o mesmo fogoso apologistas de um sistema político, religioso e social anterior há cem anos, teatraliza este formidável lema: *Tradição ou Anarquia*, como um meliante, no escuro da sua emboscada, pode retumbar: *A Bolsa ou a Vida*...

E acrescenta à divisa da nova cruzada, que intenta levar a cabo o extermínio dos heréticos, dos novos "cristãos novos" que procuram impulsionar o progresso das ideias e a libertação dos agregados humanos sob a égide do auxílio mútuo e do trabalho solidário para todos sem excepção—estranha legenda: *Edificar ou demolir*, que acabará em epopeia ou em descalabro...

A tradição tanto pode ser o papa João XXII morrer apunhalado em flagrante delito de adultério, como Manuel Abad y Gueynea morrendo no tativiro por, sendo eclesiástico revolucionário, se declarar inimigo intempestivo da Inquisição.

A tradição tanto pode ser Eric IV, rei da Dinamarca, morrer assassinado por ordem do seu irmão Abel, como o duque de Orleans perder a vida às mãos assassinas do duque de Borgonha.

A tradição tanto pode ser os papas Benedito VI e João XIV morrerem respectivamente estrangulados e de cegueira e de fome devido às atrocidades de Bonifácio VII, o *anti-papa*—como pode ser o povo, no auge da sua cólera, arrastar Bonifácio, o papa Tigre, pelas ruas de Roma e lançá-lo ao Tibre.

A tradição tanto pode ser a morte no cárcere do czar Pedro III, envenenado e estrangulado por instigações da sua esposa Catarina, como pode ser a morte triste e horrível do papa João VI, depois de, por ordens de Otão e Gregório V, "lhe haverem arrancado os olhos e mutilado a língua, o nariz, as orelhas e as mãos..."

A tradição tanto pode ser o papa Clemente II morrer envenenado por Gregório VI, como o papa Vitor III "morrer por efeito de veneno lançado no calix por ordem do imperador Henrique IV; tanto pode ser João XVII morrer envenenado às ordens de João XVIII, como este, em prêmio dos seus crimes, ser vítima do mesmo veneno; tanto pode ser Bonifácio VIII morrer "por efeito de ofensas e maus tratos infligidos pelos emissários de Filipe o Belo, como o cruel assassinato, no Louvre do marechal d'Ancre, por determinação de Luís XIII..."

Esta é a "renovação das seivas antigas em plena força e em plena virgindade" de escândalos, de rivalidades, de envenenamentos, de mutilações e de morticínios que "os espectros gloriosos" daqueles e outros bandedeiros tradicionais vêm—segundo Ameal—e depois de ingerirem cinzas—como dizia Vitor Hugo—misteriosamente trazer ao fascismo português!...

«E' essa luz nascente «é o espelho da luz de outrora» que há de apoteosar o quadro sinistro da reacção portuguesa que "misteriosamente" avança em tropel—é aquela dardejada pelos raios fulvos dos incêndios de Carcassona, Avinhão, Clichy, Montbrisson, Paris, Lisboa...

E' esta a edificação que se pretende fazer, em epopeias de gloriosas matanças, "no meio da inércia do pântano".

A inércia do pântano pode ser representada pelo abulismo das classes trabalhadoras em face da tremenda traição que o ultramontanismo, há pouco esvoaçando nas capas negras duma academia retrógrada, tencionava, misteriosamente, efectuar contra a integridade das poucas regalias que essas mesmas classes trabalhadoras regateadamente auferem.

Mas se, pelo contrário, o proletariado, o povo duramente experimentado pela escravidão, reflectir mais um pouco na hora que passa—então, positivamente, a "onda que se forma, que se ergue, que avança em tropel", desfazer-se-há, em escuma de impotência, de encontro ao granito da resistência dos produtores que não querem ver ameaçado o seu futuro de felicidades...

E' nesta acção que enxergam a epopeia ou o descalabro, a epopeia para os princípios de refundição social sob uma base libertária e o descalabro certo para as ilusões tóxicas de um retorno às sombras de um passado duma maior tirania miguelista...

Eis o "segredo de todas as renascenças"...

C. V. S.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

PERSEGUIÇÕES

Uma sessão de protesto no Sindicato dos Operários do Mobiliário

Com regular concorrência, realizou-se, anteontem, na sede do Sindicato Mobiliário, uma sessão de protesto contra as prisões e deportações.

Falou em primeiro lugar o delegado da C. G. T., José Augusto, que censurou certos elementos que pretendem imiscuir-se entre os que protestam contra as arbitrariedades, a fim de servirem os seus interesses políticos, deturpando a natureza do protesto operário.

Falou depois Maria Viegas, mãe de um preso, que reclamou o julgamento dos perseguidos em Lisboa, onde abundam juizes e tribunais e exortou os operários a libertarem as vítimas, com a mesma energia que mostraram na escalada de Monsanto.

Virgílio de Sousa declarou que, sendo delegado do N. J. S. de Lisboa, não pode falar como tal porque a polícia não lhe permite. Contudo, alongou-se em considerações em volta das pronúncias e manifestações de desejo de que o operariado acompanhe o movimento que a C. G. T. pretende desenvolver.

Alexandre Assis recordou os protestos dos republicanos, no tempo da monarquia, contra a lei de 13 de Fevereiro, que ainda assim os mandava submeter a julgamento, antes de serem deportados. A propósito, fez o confronto com as deportações feitas pela República, sem prévio julgamento, o que deve ser tomado como a mais expressiva afirmação de Democracia.

Daniel Rodrigues produziu considerações sobre a acção criminosa da burguesia, que persegue os que contra ela se levantam. Jerónimo de Sousa disse não concordar com o platonismo dos protestos. Quer o protesto formidável que abale revolucionariamente, até aos alicerces, a sociedade burguesa, causa de todas as injustiças.

Martins Grilo afirmou ser necessário agir em solidariedade, para que toda a acção se torne profícuca na libertação dos presos e no regresso dos deportados.

Finalmente, foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando a iniquidade que representam as deportações sem julgamento e a continuação de prisões de operários sem culpa formada;

Considerando que não só é anti-humana esta situação, como representa uma ilegalidade perante a própria constituição da república;

Considerando que o proletariado, possuidor de sentimentos de justiça e liberdade, não pode permitir a continuação de tal iniquidade;

O proletariado de Lisboa, reunido a convite dos Sindicatos dos Manufatureiros de Calçado e Operários do Mobiliário, resolve manifestar a sua mais veemente repulsa contra a infâmia cometida por um governo democrático e permitida por outros que se lhe seguiram e afirma-se disposto a secundar qualquer movimento que seja lançado pela Câmara Sindical do Trabalho e C. G. T..»

No final da sessão, efectuou-se uma «quente» para os presos por questões sociais que rendeu a quantia de 27\$10.

Uma sessão no Sindicato Unico da Construção Civil

Conforme determinação da Câmara Sindical do Trabalho, realizou-se na quinta-feira, no Salão da Construção Civil, uma sessão de protesto contra as deportações sem julgamento e prisão de operários sem culpa formada, que esteve bastante concorrida.

Falou Jaime Tiago pela C. S. T., dizendo ser preciso o operariado aproveitar todos os momentos para protestar contra os atentados à liberdade praticados pelas autoridades, exortando-o a ir em massa ao parlamento, não pedir mais exigir o regresso dos deportados. Ataca as camarárias políticas demonstrando as suas falcatruas que ficam impunes.

Alberto Monteiro, pela comissão pró-regresso dos deportados, acentua mais uma vez que os povos têm os governos que merecem, deixando que a imprensa invente «legiões vermelhas» e descreva a monstruosidade das deportações o que originou todas as pessoas de espírito liberal manifestarem-se contra essa iniquidade, exortando o proletariado a corresponder ao apelo da C. S. T. no sentido de ir ao parlamento reclamar o regresso dos deportados.

No final foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Protestar indignadamente contra tal desumanidade.

2.º Manifestar a todas as vítimas da reacção capitalista que sofrem neste momento as agruras do cativo imundo, e estão perdendo a saúde nas longuissimas paragens africanas, os protestos da nossa mais franca e leal solidariedade.

3.º Dar o nosso sincero e incondicional apoio à manifestação que a Câmara Sindical do Trabalho vai realizar junto do parlamento no sentido de mais uma vez reclamar o respeito absoluto pela lei e consequentemente, o imediato regresso à metrópole e a restituição à liberdade de todos os operários que, inocentes dos delitos que os acusam, se encontram abusivamente presos há já seis meses sem culpa formada.

Pessoal da Carris

Um numeroso grupo do pessoal da Carris, pensa realizar ainda dentro da próxima semana, no seu sindicato, uma sessão de protesto contra as deportações, faltando apenas remover algumas dificuldades que lhes opõem certas criaturas que costumam sempre entravar quaisquer manifestações proletárias, mesmo que — como no caso presente — vão ferir camaradas que já feridos são pela burguesia.

Sobre a Rússia

É hoje às 16 horas, em ponto que no salão da Escola-Oficina n.º 1 ao largo da Graça, 58, o professor sr. César Porto realiza a sua anunciada conferência sobre a vida política e social da Rússia actual.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —

Julão Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8500

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

OS JESUITAS, por Eugene Sue, em folhetins de A BATALHA na terça-feira, 8.

Avida e obras de Pedro Kropotkine

describas por Adrian del Valle

Exposição das suas ideias

O embrião do poder militar surgiu quando, para oporem-se às invasões migratórias, os mercenários a defesa do território; e o embrião da autoridade judicial teve a sua primeira manifestação nas famílias que melhor conservavam a tradição de usos e costumes. Já nessa orientação, quando houve um homem ambicioso conhecedor das tradições, que teve a habilidade de rodear-se dos mercenários armados e impôr pouco a pouco o seu domínio, surgiu o senhor feudal; e assim os homens livres se converteram paulatinamente em servos forçados a trabalhar para o senhor.

A revolução das comunas do século XII, deteve a evolução dos reinos teocráticos e despotismos, iniciando um novo período social: o dos municípios livres. A maior parte das cidades livres da Idade Média, foram o resultado duma revolução. Regiam-se por uma «carta», espécie de simples constituição, de espírito eminentemente democrático. Os gremios ou uniões de ofício agiam automaticamente e de comum acordo fixavam salários e preços e regulavam a produção.

Infelizmente, as cidades livres excluíram dos seus benefícios os camponeses, e estes, à mercê do senhor feudal, foram o sustentáculo do poder despotico. Um senhor chegou a dominar os outros e ergueu-se em rei o senhor principal, que, aliado com a igreja, foi alargando os seus domínios e acabou por lançar-se sobre as cidades livres, ficando como senhor absoluto: Assim nasceu o Estado moderno.

As invasões conduziram a Europa a um novo período: o dos Estados militares em que os pequenos são devorados pelos grandes.

O triunfo do Estado, significou a centralização de uma burocracia numerosa, a apropriação em poucas mãos da propriedade territorial, e a privação da liberdade individual.

O Estado não pode proceder doutro modo. Necessita da submissão directa e pessoal dos seus súbditos; quer a igualdade na escravidão. Não reconhece igual nem superior, porque seria admitir o Estado dentro do Estado.

*** Não é possível — opina Kropotkine — que exista sociedade alguma sem que se reconheçam certos princípios de moral. Crê, como os filósofos ingleses e enciclopedistas franceses, que o egoísmo ou a consecução do prazer é o verdadeiro impulso de todos os nossos actos.

O homem actua obedecendo a uma necessidade da natureza. Os actos humanos são indiferentes, mas a distinção do bem e do mal, do útil e do prejudicial, é uma qualidade animal desde o insecto até ao homem.

Está de acordo com Adam Smith, de que a origem do sentimento moral está na empatia, porém, esta não vincula no homem, visto que a encontra também no animal, convertida em hábito. Em todo o mundo animal, a lei do apoio mútuo e a lei do progresso; e o apoio mútuo não é outra coisa senão a solidariedade e simpatia. Disto se deduz o princípio moral: «trata os outros como queiras ser tratado por eles em analogas circunstâncias.»

Há o direito de precaver-se, ainda que com o uso da força, contra os que executam actos arbitrários em prejuízo dos outros; actos de que os mesmo não queriam ser alvo, porém, quando não resulte dano para outro, o indivíduo tem o direito de proceder como melhor lhe aprouver.

Para a prática da verdadeira moral, não merece dúvidas que o bem do indivíduo está ligado ao do seu semelhante em geral e ao da sociedade de que faz parte em particular.

A moral do porvir deixará ampla e inteira liberdade ao indivíduo, e este modelará a sua existência conforme os seus sentimentos e mentalidade.

Kropotkine estabelece três categorias de moral:

Moral religiosa que se baseia em preceitos especiais dogmáticos e se impõe com promessas de recompensa ou ameaças de castigo.

Moral utilitária, fundada na ideia de recompensa que o ser humano obtém da sua própria consciência.

Moral evolucionista, que vê nos actos morais uma necessidade do homem em compartilhar os gozos dos seus semelhantes, assim como os seus sofrimentos, sendo um produto da mesma vida social.

Posteriormente modificou algo as suas ideias, a julgar pelo que conhecemos da sua obra póstuma, «A Ética», na qual reconhece a existência dum princípio moral de base orgânica, que encontra o seu maior desenvolvimento na vida social. A raiz dessa moral é a ajuda mútua. A luta na Natureza manifesta-se entre espécies distintas e entre estas e o meio; porém, dentro de cada espécie a ajuda mútua é regra geral que actua como agente conservador e por vezes como factor de evolução progressiva. O instinto de sociabilidade, que não é possível sem a ajuda mútua, conduz a uma maior intensidade da vida, que se traduz num progresso físico, intelectual e moral.

(Continua.)

Leiam depois de amanhã e dias seguintes OS JESUITAS.

TEATRO NACIONAL

HOJE — Ultimo domingo

em que se representa

AS DUAS METADES

alegre e linda comédia

em que se representa

BREVEMENTE

Reprise da sensacional

SEVERA

em que ESTER LEÃO interpretará

a protagonista

ANTÓNIO PINHEIRO o Romão,

LUIZ PINTO o Conde de Marilva

e RIBEIRO LOPES o Custódia

As sanguessugas da Fábrica Nacional de Marinha Grande

Será hoje de mais brando ataque este nosso escrito, pois que muito temos a dizer daqueles que indiscutivelmente não têm sido mais do que sugadores incomensuráveis da Fábrica Nacional.

Convençamos-nos das razões porque se encontram uns Oliveira que não tinham importância alguma de posse da fábrica e do queijo da Nacional.

E' que não podemos conceber o motivo, porque é que estas duas criaturas disfrutam uma tal situação, enquanto os restantes empregados não têm que comer.

Ou aqui anda compadrio, ou escandolozinho, que havemos de averiguar.

Ou o actual director os deixa nesta situação porque lhe convém, ou então, é porque não os pode tirar de lá, com medo... resta-nos agora saber de quê.

Será talvez porque o sr. director precisa de duas linguas malditas para o defenderem. A não ser isto, só se o sr. director os tem nestes lugares por ter em atenção a defesa que lhe fizeram, quando a «Batalha» o desmentiu categoricamente naquela celebre entrevista inserta no «Diário da Tarde».

O caso é que só por uma aberração se pode compreender, dentro duma fábrica que tanto precisa de economizar lugares à guisa de revolucionários civis.

Será porque queiram ter em atenção os altos serviços prestados à Fábrica pelos Oliveiras?

Mas que série de serviços então foram, que ninguém deu por eles?

Sacrificios ignorados?

Não, porque estes homens não são pessoas que façam qualquer cousa sem que Seica e Meca o saibam. Será porque o sr. Joaquim de Oliveira — filho — entrou numa sociedade que foi perniciosa para a Fábrica Nacional?

Será porque o sr. Joaquim de Oliveira mandou um seu sócio receber a quantia de 300\$00, como se esta importância lhe pertencesse?

Será porque o sr. Joaquim de Oliveira fez parte duma sociedade que trabalhou com a Nacional, e que mandou um delegado a uma reunião de credores, e que ao demorarse por lá dois dias, não teve pejo de apresentar uma nota de despesas na importância de 700\$00?!!

Será porque o sr. Oliveira fez parte duma empresa que queimou uma bela pilha de lenha à Nacional, sem que salvaguardasse a mesma a quaisquer obrigações?

A não ser por isto, não nos consta que o sr. Oliveira tenha feito mais sacrificios em prol da velha fábrica.

O que porém é muito certo é que Oliveira está lá tão pegado que diz-se ser uma perfeita carraça.

E' que estes lugares não são de todo para desprezar.

Que impor ao sr. Oliveira que a situação da Nacional seja crítica? Que lhe importa que algum dia num jornal todas estas duras verdades?

Ele continuará com desfaçatez a rir-se de tudo isso. Se tudo isso não vale um caracol! O essencial é que ele continue naquella carga.

Não tem nada que fazer é certo, mas tem em compensação alguma coisa que sugar. Que lhe importa que «uma vítima grite e clame»?

Ele tem o engenheiro por si.

O sr. engenheiro não dá importância a estas coisas, de maneira que será sempre o sr. Oliveira tesoureiro da Nacional, e seu pai professor da Escola Industrial.

Para este último caso chamamos a atenção de quem de direito é para o da Nacional, esperarmos que o sr. engenheiro venha de Coimbra para experimentarmos se nos liga ou não importância.

O que afirmamos é que ou os tartufos, as injeições saem da Nacional, para que ela progreda, ou nós jamais deixaremos este assunto.

APOLO

De noite para noite se acentua o entusiasmo do público pelo brilhantíssimo espectáculo que este teatro nos oferece com a peça «Papá Lebonnard».

Café do Ginnasio

Inaugurou-se ontem o café do Teatro do Ginnasio. É mais um café, mas um café agradável, decorado com bastante gosto artístico. Houve um copo de água oferecido à imprensa e vários convidados que decorreram animadamente.

OS RIGORES DO INVERNO

ROMA, 5. — Notícias recebidas nesta cidade assinalam graves desastres em toda a Europa oriental e setentrional, em consequência de grandes frios e das intempéries. — (L.)

João Pereira da Rosa preso e atirado por resistência e injúrias a um tribunal

Por mandados do juiz do 2.º juízo de investigação e por aquele juízo ter sido pronunciado, foi preso ontem o chefe mór das «forças vivas», dirigente da Associação Comercial de Lisboa e administrador delegado do Século.

Como em tempos noticiámos, Pereira da Rosa, quando lhe era intimada uma sentença do tribunal de Arbitros Avidores, resistiu ao respectivo oficial de diligências e levantou várias injúrias ao tribunal.

Prevaricando o respectivo auto e enviado para o juízo competente, foi agora pronunciado por esse crime, tendo-se ontem aliado no cartório do escrivão Araújo para não ter que recolher ao Limoeiro.

Foram fiadores Joaquim Roque da Fonseca e Assis Camilo, da U. I. E.

DESPORTOS

FUTEBOL

Sobre o incidente Benfica-Union

Devido aos acontecimentos produzidos, no campo de Santo Amaro, no domingo passado, a A. F. L. castigou Francisco Vieira, guarda-redes do Benfica, e Júlio, do Union, com suspensões para dois jogos do campeonato.

Por essa razão não alinharão hoje nem no próximo domingo os referidos jogadores.

Jogos para hoje na Divisão de Honra

No Campo Grande: Império contra Sporting — 1.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. António Brás; fiscais de linha: Edmundo Martins e Manuel Ferreira Lima. 2.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Francisco Santos. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. Joaquim Costa. 4.ª categoria, às 9,15. Juiz, o sr. Adriano Ferreira.

No campo do Estádio: Belenenses-Union Lisboa — 1.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Joaquim Tomás da Costa; fiscais de linha: Vítor D. Vila e Gabriel Augusto Bussell. 2.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. João Joaquim Tavares da Silva. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. José da Costa Brito. 4.ª categoria, às 9,15 horas. Juiz, o sr. José de Carvalho.

No campo de Pahiavã: Benfica contra Vitória — 1.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Alfredo Pedrosos; fiscais de linha: Joaquim das Mercês e António S. Antunes. 2.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. António Torres Sousa. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. Artur Costa Gomes. 4.ª categoria, às 9,15 horas. Juiz, o sr. Rafael Fernandes.

No Campo do Restelo: Caravelinhos contra Casa Pia — 1.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Frederico Costa; fiscais de linha: António Carvalho e Jacinto S. Lucas. 2.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. Mário Couto Falcão. 3.ª categoria, às 16 horas. Juiz, o sr. Virgílio S. Fernandes. 4.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. Abel António Ferreira.

Divisão de Promoção (grupo A) no Campo de Sacavem: Sacavenense contra Chelense — 1.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. João dos Santos Júnior. 2.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. João Pilonas. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. José Godinho.

No Campo de Marvila (A): Chelas contra Ocidental — 1.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Reinaldo S. Monteiro. 2.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. Eugénio A. C. Neves. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. João Assunção Silva. 4.ª categoria, às 9 horas. Juiz, o sr. Joaquim Assis Esteves.

No Campo de Marvila: Fósforos contra Marvilense — 1.ª categoria, às 13 horas. Juiz, o sr. Homero Serpa. 2.ª categoria, às 15 horas. Juiz, o sr. Jaime Ferreira Alves. 3.ª categoria, às 11 horas. Juiz, o sr. João Marques de Oliveira. 4.ª categoria, às 9,15 horas. Juiz, o sr. João Ferreira.

HIPISMO

Corridas no Jockey Club

Encerra-se hoje, com um interessante programa, a época de outono com corridas de cavalos, no hipódromo do Campo Grande.

Efectuam-se seis corridas, que têm principio às 15 horas, havendo grande interesse pela corrida dos «Vencedores» prova em que tomam parte os primeiros classificados em corridas anteriores.

Caravelinhos Foot-Ball Club

Os sócios deste Club têm no próximo domingo, mediante apresentação da cota de Novembro, entrada no Campo do Restelo.

Saúde pública

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 28 de Novembro manifestaram-se em Lisboa 9 casos de difteria, 14 de febre tifóide, 2 de meningite, 3 de sarampo e 32 de varíola.

TEATRO GIMNASIO

Hoje e todas as noites

Telef. C. 2814

A GUERRA AO VINHO

Desempenho admirável

Nos principais papéis

BARBARA VOLCKART,

ELISA SANTOS, ANTONIA

MENDES, GIL FERREIRA

e HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

Ocorrências diversas

A madrugada passada seguia pela Avenida Almirante Reis um automóvel guiado pelo «choufleur» José Simões Diniz, de 27 anos, natural de Pedregal Grande, residente no Bairro Catário A B A, o qual, a certa altura, tendo-se lhe partido o volante, foi chocar com um carro de transporte de material dos electricos, resultando o Diniz ferido muito confuso no peito, pelo que recebeu tratamento no Banco do hospital de São José, recolhendo depois a casa.

Como porém à tarde se sentisse piorar, deu entrada na enfermaria de Santo António do mesmo hospital.

A enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios recolheu José Cardoso, de 33 anos, natural de Arouca e morador na rua Vale Formoso de Cima, trabalhador, que, na calçada de D. Gastão, foi atropelado por um automóvel, ficando com a perna esquerda fracturada.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi receber curativo e recolheu a casa, Ana Casimira, de 39 anos, natural de Coimbra e residente na rua Maria Pia letras A A que caiu ao apressar-se de um carro eléctrico, em Santo Amaro, ficando confusa pelo corpo.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Recitales

Foi coroada de grande êxito no Foz a 1.ª representação do «Pirolito», série de seis quadros de conjunto da autoria de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, música de Angel Gomez e Raul Ferrão, tendo como principal interprete a distinta actriz Maria de Lourdes Cabral.

O elenco conta com valiosos elementos artísticos e com os artistas estrangeiros Les 4 Bazaroff, que apresentam bailes russos, duetos cómicos, etc., merecendo especial menção o galante grupo das 7 Foz-Girls.

Tendo de realizar-se, no Nacional, esta semana, a reprise da peça de Julio Dantas «A Severa», ansiosamente aguardada pelo público, é hoje o último domingo que se representa a lindíssima comédia «As Duas Metades» cujo entrecho é de molde a encantar toda a gente, tendo-se feito demorar esta preciosa peça no cartaz em virtude do seu grande sucesso e a pedido de muitas pessoas que ainda a não tinham visto.

—E' hoje o último domingo que se representa no Apolo, pela Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha a célebre peça «O Papá Lebonnard» em cuja representação, além destes artistas, toma parte a grande e actriz Adeline Abranches, sendo hoje a peça mais popular e de maior êxito, prestes a sair de scena para se activar o repertório desta Companhia.

—Continua marcada para a próxima quinta-feira, 10, a festa artística do actor José Alves da Cunha com a primeira representação, no Apolo, da célebre peça extralida do romance de Emile Zola, «A Taberna», na qual o festejado vai interpretar pela primeira vez o protagonista. A seu lado no primeiro papel feminino, a actriz Adeline Abranches interpretará outro personagem do maior relevo.

—Tudo se prepara no belo circo das Portas de Santo António para que a matinee de hoje, às 15 horas, ali se realize atinja as mais grandiosas proporções. Espectáculo em que tomam parte tigres, leões, cavalos, macacos e cães, o seu interesse está assegurado não só por esse facto como pelos outros números que compõem o programa, como Otogo Bill, nos seus equilibrios, Miss Henriette no estranho trabalho A Bola Misteriosa, a Tropa Zachini, cow-boys selvagens e muitas outras novidades. Clowns, acrobatas, equilibristas, jongleurs, domadores, dresseurs, faz-todos—variedade, alegria, assombro eis o que vai ser a matinee desta tarde.

Há noite há espectáculo.

—A bilheteira do Ginnasio estão afluindo todos os dias numerosos pedidos de marcação de lugares para os concertos sinfónicos que vão ali começar, a 13 do corrente, sob a direcção do ilustre maestro Fernandes Fão. Nesses concertos não deixará de reunir-se no novo teatro, a mais selecta assistência, com a certeza antecipada e absoluta de que irá assistir a espectáculos requintadamente artísticos.

Pessoal hospitalar

Pela Direcção Geral dos Hospitais Civis de Lisboa, foram abertos concursos para internos de 1.º e 2.º anos dos serviços gerais de clinica médica e serviço de cirurgia de especialidades.

GIMNASIO

N. de Albuquerque, o magnifico interprete de um dos primaciaes papeis da «Guerra ao Vinho», agora em scena neste teatro, obteve um novo êxito no «Taylor» detalhado com a ironia elegante que se alia a uma extrema sensibilidade.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grémio Excursionista Civil do Monte. — Realiza hoje, na rua da Graça, 102, 1.º E., a sua reunião familiar com o grupo bandolinista «Os Inocentes» e vários amadores dramáticos. A sua primeira conferência é na próxima terça-feira, presidida pelo dr. Magalhães Lima, sendo conferente o dr. Alfredo Guizado, sob o tema «O forno crematório, suas vantagens e fins».

11 Amigos do Intendente. — Realiza-se hoje, pelas 15 horas, na rua Maria Pia, 10-A, 1.º, uma festa de solidariedade aos pobres dos Anjos, sendo o seu produto, com mais donativos angariados para esse fim, distribuídos pelos interessados no dia 25 do corrente.

A festa de hoje constará de um certame de fados por alguns dos mais conceituados cultivadores e um baile, realizando-se um concerto pelo grupo musical «Os Bem Educados».

Concorte Musical 24 de Agosto. — Hoje, «matinée» dançante, e às 21 horas baile a dueto.

Sociedade a Portugal. — A's 21 horas, recta seguida de baile dedicado à comissão administrativa.

União Chelense. — A's 17 horas, concerto pela banda e, às 20 horas, «soirée» dançante.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Vitimado por uma perniciosa doença, faleceu o operário fundidor Raúl Duarte, cunhado dos nossos camaradas Joaquim Pereira, tesoureiro do sindicato dos pintores da construção naval, e Luís Pereira, delegado da classe.

A comissão administrativa do sindicato dos pintores da construção naval convidou todos os seus componentes a incorporarem-se no funeral que se realiza hoje, pelas 15 horas, do hospital de São José para o cemitério Oriental.

TEATRO APOLO

HOJE e todas as noites

O empolgante drama

O Papá Lebonnard

Magistral criação de

ALVES DA CUNHA

Nos principais papéis femininos

ADELINA ABRANCHES

e BERTA BIVAR

HOJE, matinee ás 3 horas

'A Batalha' na provincia e arredores

Portimão

A venalidade dum mestre de obras e a cobardia das reações camarárias

PORTIMÃO, 4. — Temos nesta terra um dos maiores perseguidores das classes operárias organizadas e em especial da construção civil.

O sr. José Diniz é mestre de obras

CONTRA O VASILHAME DE TORNA-VIAGEM

Em Vila Nova de Gaia realizou-se um imponente comício dos tanoeiros em greve, tendo sido verberada a convicção das autoridades com os exportadores ingleses

PORTO, 5.—No teatro Cine-Parque de Vila Nova de Gaia, efectuou-se ontem um concorridíssimo comício promovido pela «A Libertadora» (Associação de Classe dos Operários Tanoeiros do Porto e Gaia).

Antes de principiar chegou-nos ao conhecimento que o chefe sr. Alberto fizera a comunicação de que os oradores não deviam tocar, nem com uma flor, na brisa da guarda republicana, visto que, caso contrário, podia-se sofrer o desgosto da reunião ser dissolvida, possivelmente à pranchada, ou antes: à coronhada, senão a tiro. Paga por portugueses—o que não quer dizer que as vezes não tenha as suas prendas dos estrangeiros, para se colocar ostensivamente ao lado dos ingleses—a guarda pretoria na tem razão em não consentir que não digam quaisquer verdades amargas a seu respeito. E não foi para outra coisa que as forças de cavalaria e infantaria se embuscaram durante o comício.

Ah! também nos disseram que se houvesse qualquer «chifrin», poderia acarrear a voluntária demissão do sr. administrador—isso sempre representava um enorme prejuízo para o concelho de Gaia...

Além disso, o comício presidiu Alberto Lopes de Sá, secretário por Joaquim Domingos do Couto e Abílio Tavares.

Francisco de Sá, abrindo a ordem da inscrição dos oradores, dá amplas explicações acerca da reunião de militantes da indústria de tanoaria que se realizou pelas 10 horas, como preparação para o comício. Compararam uns 80 camaradas, representando quase todas as casas em greve. Discutiram-se sobre se a greve devia continuar intransigentemente ou se circunstâncias aconselhavam a que ela fosse suspensa, foi deliberado, por 74 votos contra 5, a continuação da luta contra o torna-viagem.

Espera, portanto, que da consciência de toda a classe saia o melhor caminho a seguir, para que se não diga lá fora que este grandioso movimento é apenas vontade da sua comissão orientadora.

David de Oliveira, entre outras considerações, lamenta que a greve da indústria de tanoaria não tenha sido, como deve ser, bem compreendida por toda a gente, e assevera que a crise que possa, devido ao sistema do «torna viagem», afectar no futuro aquela classe, há de, de certo modo, reflectir-se igualmente em muitas outras classes. Abordando-se aos variados «trucs» postos em prática pelos exportadores ingleses, explica que eles agora até se têm servido de cascaria que estava atirada para a sucatá, quasi servindo apenas para o lume daqueles operários que precisam de lenha.

Além do aproveitamento dessa cascaria considerada antes inútil pelos próprios ingleses, tem informações seguras, prestadas até por algumas casas, de que se têm perdido várias exportações: as poucas que têm saído, não foram na sua totalidade, por falta do respectivo vasilhame. Por aqui se vê que os exportadores ingleses estão seriamente embaraçados. Por isso, depois duma veemente crítica feita à atitude dos poderes constituídos que protegem a pirataria inglesa em detrimento do trabalho nacional—aconselha a que todos empreguem mais um pouco de vitalidade, mais um pouco de sacrifício, porque a vitória, reconhecida até pelos próprios adversários, será certa.

António José de Barros declara que a luta é de vida ou de morte. Se após seis semanas de sacrifício este movimento sossobrasse desastrosamente, isso equivaleria à classe cair, irremediavelmente perdida, a um profundo abismo. A greve, pois, deve prosseguir intransigentemente até que se consiga a absoluta certeza de que a obra virá do estrangeiro abatida. Se assim não for, dentro em pouco a grande maioria dos tanoeiros será dispensada. O que não há de depois fazer? Morrer de fome ao canto dum valeta?

Joaquim de Oliveira Rios diz que não se trata bem duma greve, mas sim dum significativo protesto contra o «torna-viagem». Ainda que amanhã a classe fosse retomor o trabalho sem uma condição segura, ninguém poderia acobimá-la de que perdera o movimento. Exorta os seus camaradas a que procedam com consciência, para que não culpem ninguém. Mas em sua opinião o protesto deve seguir até ao fim, a despeito de toda a miséria que vai avassalando os lares. Deve seguir até que a lei que existe de outrora contra o «torna-viagem» seja de novo posta em vigor.

Arnaldo Pinto de Oliveira assegura que se a greve fosse verdadeiramente nacional, já a questão estaria há muito resolvida. Atribui ao facto das camaradas de Lisboa estarem a trabalhar a demora do movimento. Estando próximos do Terreiro do Paço, se eles também estivessem com os serviços paralisados, afigura-se-lhe que o governo sempre olharia com mais atenção as justas reclamações dos tanoeiros. Assim, depois de comunicarem ao governo que a greve era nacional e não estando os camaradas de Lisboa em luta, ele não se preocupa com a greve, porque não sabe o que se passa no norte. Alude também à pouca assistência da Federação e da C. G. T., apesar da classe estar federada e confederada.

Francisco de Sá, que volta a falar para prestar alguns esclarecimentos, rebate algumas considerações do orador antecedente pelo que a assistência é esclarecida de que o governo sabe perfeitamente de que o movimento não fora votado nacional mas na região do norte, onde o «torna-viagem» é mais frequente.

Depois de declarar que a classe do sul dera o seu apoio moral à greve não fabricando vasilhame para exportadores do torna-viagem, elucida de que se a C. G. T. bem como a Federação não têm dedicado aquela assistência desejada pelo que se lhe antecedeu, a culpa é de toda a classe, porque ela ainda não recorreu, porque não quisisse ou porque não precisasse, para o auxílio daqueles organismos. Isto não quer dizer, porém, que o não possa vir a fazer, assim como apelar para a solidariedade das restantes classes trabalhadoras.

Manuel Fernandes manifesta a sua discordância com o camarada Arnaldo e faz um áspero ataque aos maneios torpes dos piratas ingleses.

Depois de falarem Armando dos Santos, Manuel Tavares da Costa e o presidente do comício, Joaquim do Carmo faz uma propaganda entusiasta da C. G. T., dizendo que ela não é a Confederação Patronal ou qualquer entidade oficial que tem os seus cofres atalhafados de ouro. A C. G. T. será aquilo que os trabalhadores quiserem que ela seja—e, infelizmente, talvez se constate que entre os assistentes haverá muitos daqueles que nem sempre têm cumprido com os seus deveres. Depois de pôr em relevo as dificuldades com que presentemente a C. G. T. luta, mercê das greves de diversas classes, como a dos corticeiros, e da grandiosa «chômage» a que o industrialismo lançou o proletariado português—entra na apreciação do movimento, censurando acerbamente a subserviência governamental perante a soberba Albion, e condenando a pirataria dos ingleses, os quais, pretendendo, pela fome, lançar em revolta as classes trabalhadoras portuguesas, procuram nisso um pretexto para uma campanha defecista que os habilita a conquistar Portugal, após expostas as subtilidades das suas razões no célebre S. D. N.

Aludindo a uma passagem da história romana e à tirania de Nero, que mandou, apesar disso, distribuir em determinado momento, pão pelo povo, assevera que os governos portugueses desta república sibilizada têm sido muito mais tiranos, que, aos trabalhadores, têm vez de pão e trabalho, lhes mandam dar a morte por meio do fuzilamento bárbaro. Termina por exortar a classe a que se eduque, porque só da revolução do espírito, das consciências, da mentalidade desenvolvida, é que sairá esta-touta Revolução: a Revolução Social que há de redimir completamente toda a humanidade.

O orador, fartamente aplaudido, foi por diversas vezes interrompido com vivas à C. G. T., à «Batalha» e abaixo aos piratas ingleses e às deportações.

São aprovados, em prova e contra-prova e no meio do maior entusiasmo, os seguintes documentos:

«Considerando: que mercê das razões, que têm vindo a público e de muitas outras que oportunamente se esclarecerão, se prova exuberantemente que os tanoeiros só não têm sido atendidos pela negligência e cobardia governamental, além dos intuitos inconfessáveis e má fé dos exportadores; que tal como se encontra o movimento não podem os tanoeiros, sem quebra da sua dignidade, retomar o trabalho, visto que o contrário seria a mais franca afirmação de inconsciência dum laboriosa classe que tem na história do seu movimento associativo páginas de elevado valor moral e revolucionário;

que a continuação da greve se impõe como desforra ao criminoso procedimento daqueles que têm interesse no mal estar do povo trabalhador;

que é um crime de lesa-humanidade consentir, por mais tempo, que vinte e cinco mil seres humanos morram lentamente de fome, mercê da importação de torna-viagem; os trabalhadores da indústria de tanoaria do norte de Portugal, reunidos em comício público em 4 de dezembro de 1925 no Cine Parque da Avenida, resolvem:

1.º Protestar veementemente contra a negligência governamental, no que se refere ao decreto regulador do torna-viagem;

2.º Afirmar o seu descontentamento pelo forma como os exportadores se têm portado neste conflito, que só a sua criminosa teimosia originou;

3.º Continuar em greve geral até que, quem de direito, reconheça a razão que assiste aos grevistas;

4.º Considerar traidor da justa e sagrada causa dos trabalhadores da indústria de tanoaria, aqueles que porventura se apresentem ao trabalho sem determinação do Comité Central;

5.º Afirmar a sua inteira confiança ao Comité dirigente da greve e saudá-lo efusivamente pela sua acção em prol do nosso bem-estar.

«O povo trabalhador de Gaia, reunido em comício público a convite dos grevistas tanoeiros, afirma a sua solidariedade a estes camaradas e exorta-os a continuar em greve até alcançarem a vitória, e para isso declara-se disposto, a exemplo do que se tem feito com outras importantes greves, a tomar conta dos seus filhinhos e contribuir para a instalação de cozinhas comunistas, como as do grandioso movimento dos mineiros de São Pedro da Cova».

O comício encerrou-se às vivas à Revolução Social, C. G. T., «A Batalha», etc., não havendo o menor conflito.—C.

Segundo informações autorizadas dos espanhóis refugiados em França. Restituido Mogrovejo, que há cerca de dois anos se encontra em Lisboa, é indivíduo contra quem todas as organizações se devem precaver.

Tendo arrancado aos ditos refugiados várias quantias, alegando que se destinavam à propaganda, gastou-as em proveito próprio. Para conseguir obter essas quantias constituiu-se num pseudo comité e adquiriu um carimbo que lhe servia para autenticar as burlas que cometia.

A greve dos corticeiros continua a afirmar-se pela admirável coesão dos grevistas

Os comunicados da greve

De Belém, Póço do Bispo, Almada, Barreiro, Seixal, Aldegaia, Setúbal, Vendas Novas, Alhos Vedros, Castelo Branco, S. Tiago do Cacém, Sines, Odeira, Messines e Silves chegam-nos notícias bastante animadoras sobre a conduta da classe corticeira. A luta contra a pretensão dos industriais prossegue com o maior entusiasmo. Não é possível esmagar um movimento tão grandioso que se impõe pela energia, pela coesão e pela solidariedade dos grevistas. Não há defeitos! Eis uma frase que todos os comunicados que recebemos repetem com insistência.

Em todas as notas recebidas verdadeira a atitude dos industriais e constata-se a inanição dos seus esforços para conseguirem que a classe regressasse ao trabalho, humilhada e vencida.

As reuniões de grevistas que se têm efectuado afixam pelo mesmo diapasão. Em todas elas a continuação da greve até completa vitória é aprovada por unanimidade. Consta-se que o entusiasmo não diminuiu, redobrou.

A classe corticeira está escrevendo na história das suas lutas contra o patronato uma das suas mais belas e heroicas páginas. O triunfo é o único resultado lógico do esforço realizado pelos corticeiros em greve.

Nota do comité da greve

Camaradas:—E' amanhã um dia de esperanças para os industriais que esperam ver-nos, acossados pela fome, irmos solicitar-lhes o favor de nos explorarem como escravos por um salário de miséria.

Também para o vosso comité o dia de amanhã é de esperanças. Sim, esperamos que todos os grevistas corticeiros saibam manter nesta luta a linha de firmeza que tanto nos tem enobrecido.

O momento é solene: Ou os corticeiros se enlameiam numa queda miserável nesta luta e ficarão responsáveis pela fome que amanhã lhes invadirá os lares, ou os corticeiros se sacrificam o tempo que for necessário para vencer e bem merecem a admiração e solidariedade de todos os trabalhadores!

Enquanto que os industriais persistem numa atitude que nada justifica, visto que o custo da vida se agrava dia a dia, persistamos nós, também, na luta até que triunfe a razão que nos assiste.

Exortando-vos a que amanhã desprezeis como até hoje as fábricas, saúda-vos com

Viva a greve! Viva a solidariedade operária!

O Comité

Um comício de solidariedade em Aldegaia

Conforme noticiamos, realiza-se hoje em Aldegaia um comício de solidariedade para com os corticeiros em greve.

Neste comício que é promovido por uma comissão de operários chacinheiros e de trabalhadores rurais, far-se-á representar a C. G. T. e usará da palavra delegados dos organismos operários locais.

Os filhos dos grevistas

Em Silves os corticeiros em luta formam uma cantina que tem distribuído, diariamente, 100 refeições a filhos de grevistas.

No Barreiro vários operários de outras classes ofereceram-se para tomar conta de filhos de grevistas. E' um belo e admirável gesto de solidariedade!

Federação Corticeira Nacional

Reúne hoje, pelas 12 horas prefixas, o Conselho Federal para assunto importantíssimo.

A comparência de todos os delegados directos e indirectos é indispensável.

Donativos para os grevistas

A comissão da Federação Corticeira para recolha de donativos para auxílio dos grevistas, recebeu até ontem as seguintes importâncias:

Caixa de Solidariedade Humana dos Ferrovários do Minho e Douro, por intermédio da Federação, 200\$00; Manuel Inês, 5\$00; Eugénio Pinto, 10\$00; Mobilidade da Casa Vitor Klotz, 10\$50; João Miranda, 2\$50; Carlos Ferrer Carvalhos, 15\$00; Francisco Miguel Ferreira, 5\$00; Manuel Chaves, 10\$00; obra do Banco Nacional Ultramarino (quete), 110\$00; Metalúrgicos da Casa Vicente Joaquim Esteves Costa, 32\$40; António Avelino Poeta, 5\$00. Um grupo de ferroviários das oficinas da C. P., 25\$00; Tipografia Severo, Octávio, Freitas & Cia., 12\$00; Augusto Fernandes (pintor), 20\$00; Eduardo Raúl da Costa, 2\$50; Manuel Teixeira de Azevedo, 2\$50; N. N., 1\$00; Francisco, 5\$00; Quete abastecido na Sapataria Contente, 51\$50.—Total, 524\$90.

—Por iniciativa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, foi aberta no Barreiro uma quete para auxílio dos grevistas corticeiros naquela localidade, a qual rendeu 1.509\$95.

Sindicato dos Operários Municipais

Realiza-se na próxima quarta-feira, às 20 horas, uma sessão de protesto contra as deportações e demais arbitrariedades dos poderes constituídos, no Sindicato dos Operários Municipais, travessa da Agua de Flor, 1.º.

Farão uso da palavra representantes da C. G. T., C. S. T., comissão pró-regresso dos deportados e J. S.

SOLIDARIEDADE

Pro-Artur da Costa

E' hoje, pelas 15 horas, que se realiza no Salão Academia Almadaense a festa de homenagem a Artur da Costa (Vinetas) que devia ter lugar no dia 8 do mês passado. O programa consta de variações à guitarra por Lomelino Gil e viola António Basílio, canções por António Nobre, António Lado, Júlio Prouença, Raúl Brígida, José Leote, com versos jocosos, Adriano Pires, Rogério Silva, etc., etc.

CRISE DE TRABALHO

Manufacturas de Calçado

Reúniu, novamente, a comissão de resistência contra a baixa de salários, tendo apreciado a acção desenvolvida junto de três operários da casa Alvarinho que se encontravam traindo os seus camaradas de oficina, que se encontram em luta, por não se sujeitarem a trabalhar por preço inferior à tabela do Sindicato, como era desejo do industrial Alvarinho, que, a despeito dos prejuízos resultantes da paralisação da sua oficina, continua a não querer solucionar o conflito.

A classe, porém, encontra-se na disposição de forçar o sr. Alvarinho a ceder, para o que fará todos os esforços, indo até à boicotagem.

A comissão de resistência convida toda a classe a não consentir que alguém vá trair aqueles grevistas sob pena de serem denunciados à classe os nomes dos que a tal se prestarem.

A comissão devem ser enviados todos os informes sobre as casas que se encontrem pagando por preços inferiores aos da tabela do Sindicato.

Sindicato Unico Metalúrgico

Ante a aterradora crise que flagela a classe, não pode esta ficar inerte sem que sofra a exploração desenfreada do capitalismo.

Espreitando todos os nossos movimentos, ele procura dar o salto tigrino que nos agravará mais ainda a vil condição de assalariados. Para que se obste a tal pretensão do capitalismo, é necessário que nos envolvamos numa luta contra o patronato e crise de trabalho. Portanto, que todos os metalúrgicos acorram à sessão magna que se realiza na próxima terça-feira, pelas 20 horas, na sede do sindicato, Rua da Esperança, 122, 2.º.

Mais se convida o pessoal de diferentes oficinas metalúrgicas a nomearem delegados a uma reunião que terá lugar na próxima quarta-feira, 9, pelas 20 horas.

Continua aberta a inscrição dos operários sem trabalho, na sede do sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º, das 20 às 22 horas, todos os dias úteis.

Uma festa pró-melhoramentos das secções da Construção Civil e Metalúrgica do Alto do Pina

Na sede do Grupo Dramático e Desportivo «Os Aliados» realiza-se amanhã a festa pró-auxílio dos melhoramentos na sede das secções da Construção Civil e Metalúrgica do Alto do Pina. Será representado o drama social em 5 actos «O Consciente», o dueto sociológico «Fera Humana» e haverá um acto de variedades.

Abrihanta esta festa um grupo musical da Sociedade «A. Portugal».

A comissão organizadora previne todas as pessoas e organismos a quem foram enviados bilhetes que se considerem vendidos todos aqueles que não foram liquidados até hoje, às 15 horas, na Secção da Construção Civil do Alto do Pina, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º.

Leiam o nosso folhetim OS JESUITAS—na próxima terça-feira.

AS GREVES

Tanoeiros de Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 4.—Referimos na nossa última correspondência as barbaridades cometidas pela G. N. R. contra alguns grevistas.

Hoje, com mais conhecimento de causa, podemos referir o que se passou: Na manhã em que se deu o que então relatámos encontravam-se, no largo das Devesas, os operários tanoeiros Américo Magano e José Maria Santiago discutindo assuntos referentes à greve. Momentos depois apareceram no local duas praças de cavalaria da G. N. R. Alguém, cuja identidade ignoramos, apontou-lhes os dois operários. Os dois pretorinhos, sem mais explicações, atiraram-se sobre os dois grevistas e agrediram-nos com tal violência que até as espadas ficaram vergadas.

Quando esses operários depois de agredidos se dirigiram sob prisão, no meio das duas praças, para o posto da G. N. R., deparamos com o sargento que se encontrava de serviço. Este, informado do que se passara através das mentirosas justificações dum dos agressores, ordenou que «dessem para baixo aqueles malandros». Os soldados cumpriram logo gostosamente a ordem recebida e derrubaram os presos esforçando-se para que eles fossem espelhados pelas patas dos cavalos. Momentos depois o sargento ainda esbofetou o operário Américo Magano, sem que este lhe tivesse dado o menor pretexto para isso.

Mais tarde quando os conduziram para a cadeia do Aljube do Porto, a pesar de haver uma prisão na vila, o Américo Magano foi bastante maltratado e ameaçado pelos soldados que iam na escolta. No auto que levantara aos dois operários presos dizia-se mentirosamente que eles tinham desobedecido à autoridade. O que vale é que depois de constatadas as mentirosas alegações da G. N. R. os dois operários foram postos em liberdade.

Também foi preso pelo «grande crime» de ser grevista um outro operário tanoeiro. Por aqui se pode avaliar a maneira como a guarda republicana pretende provocar os tanoeiros que se têm mantido ordeiramente.

Os grevistas reunidos em sessão magna aprovaram uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Afirmar aos operários presos e agredidos a sua inteira solidariedade, determinando que o Sindicato pague todas as despesas que forem necessárias;

2.º—Prestar ao operário José Maria Santiago toda a solidariedade moral e material enquanto este não possa trabalhar, devido às agressões de que foi vítima, logo que termine a greve;

3.º—Protestar energicamente contra o procedimento da força da G. N. R.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Operários municipais.

Reúniu, na próxima quinta-feira, em assembleia geral, esta classe. Tratou-se da demissão dos corpos administrativos, acusados de irregularidades e de manterem a classe no maior indiferentismo.

Aprovou-se uma moção, demitindo todas as actuais comissões e substituindo-as por uma comissão de inquérito aos actos dessas comissões que ficou assim constituída: Manuel Roque Júnior, José Teodoro, Mariano Pereira, Anibal Rodrigues de Carvalho e Raúl Dourado.

Procedeu-se em seguida à nomeação de novas comissões, que foram distribuídas da seguinte forma:—Comissão administrativa: Secretário geral, Domingos Veloso de Lima; secretário administrativo, Anibal Rodrigues de Carvalho; secretário adjunto, Mariano Pereira; tesoureiro, José Martins Vilhena; secretário arquivista, Mariano Carvalho; vogais, Jorge Ribeiro Alves e Joaquim Salvado.—Comissão de melhoramentos: Mariano Pereira, Anibal Augusto Barreiros, João Lucas Nunes, Alfredo dos Santos e Manuel Roque Júnior.—Comissão de propaganda: Mariano Pereira, Domingos Veloso de Lima, João António da Graça, João Miranda de Oliveira, Francisco Martins e José Teodoro.—Caixa de solidariedade: Veloso de Lima, José Teodoro, Jorge R. Alves, Anibal Rodrigues de Carvalho, João L. Nunes.—Comissão pró-sede: Mariano Pereira, António da Silva, Alfredo dos Santos, Anibal Barreiros e Raúl Dourado.

—Delegados à C. S. T.: Mariano Pereira, Veloso de Lima e José Teodoro.

Foi apresentada uma proposta por Alfredo dos Santos, tendente a regularizar a cobrança.

Foi depois lida uma carta de Alfredo Pereira Vaz, deportado na Guiné.

Mariano Pereira, em questão prévia, requereu imediata discussão sobre o assunto, ficando assente estudar-se a melhor forma de lhe prestar solidariedade e cobrar-se \$10 em cada cota, mensalmente, para assim prestar homenagem a quem tanto lutou pelo operariado municipal.

Federação Ferroviária.—Na sexta-feira, a Comissão Executiva da Federação Ferroviária entrevistou-se com a Direcção Geral da Fiscalização dos Caminhos de Ferro, sobre o desrespeito do horário de trabalho nos Caminhos de Ferro e com o dr. sr. Carvalho Santos, delegado do governo junto da Companhia da Beira Alta, sobre assuntos de interesse para o pessoal desta rede, ficando a referida Comissão de brevemente com ele se avistará.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Ferroviária.—Pelas 10 horas, a Comissão Executiva para tratar de assuntos importantes e de urgente resolução.

S. U. Mobilário.—Pelas 15 horas a comissão de resistência com o pessoal da casa José Augusto Leal para tratar dum assunto grave.

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional dos Serventes.—Para apreciar a crise de trabalho e diminuição dos salários, reúnem na próxima terça-feira os componentes desta secção, fazendo-se representar delegados do Sindicato Unico da Indústria e da Bolsa de Solidariedade que elucidarão sobre o caminho a seguir.

Outros assuntos de grande importância serão ventilados, pelo que a Comissão Administrativa espera que a reunião acorram todos os seus filiados.

Secção de Palma.—Reúne na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, a Comissão Administrativa, com a presença do tesou-

reiro, para dar posse aos corpos gerentes de 1926.

S. U. Mobilário.—Reúne, na próxima terça-feira, a assembleia geral com a ordem de trabalhos já publicada.

Litógrafos e Anexos.—Amanhã, pelas 20 horas, reúne o pessoal da Litografia Mata para apreciar um assunto de seu máximo interesse.

E' imprescindível a comparência de todos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional.—Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas.

Núcleo de Lisboa.—Comissão de Educação e Propaganda.—Reúne amanhã, pelas 20,30 horas.

Comissão da festa pró-Congresso.—Reúne amanhã, pelas 21 horas.

Secretariado Central.—Reúniu na passada quinta-feira, tendo aprovado novos sócios efectivos e auxiliares. Resolveu criar três cursos: Instrução geral elementar, Português e Francês, encontrando-se desde já aberta a inscrição, tanto para sócios efectivos como para sócios auxiliares para qualquer destes cursos.

Resolveu também que sejam abertas inscrições nas secções: Central, Belém e Santos, para as Aulas de Educação Mútua. Foi apresentado pelo Secretário de Solidariedade um parecer de solidariedade local, o qual ficou relegado para apreciação para a próxima reunião.

Comissão reorganizadora da Secção do Alto do Pina.—Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas.

—Na sua última reunião, a comissão reorganizadora, desta Secção resolveu enviar uma circular aos sócios da extinta secção e aos jovens residentes nesta área; mais resolveu oficial ao Secretariado Central requisitando expediente e solicitando-lhe a sua solidariedade moral e material.

Núcleo do Porto.—Reúnem no passado dia 3 as comissões administrativa e de propaganda, principiando por dar despacho a vários expedientes recebidos de alguns organismos.

Tratando-se da nomeação de corpos gerentes para 1926, foi indicado um camarada para a Comissão de Educação e Propaganda, dois secretários para a assembleia geral e três elementos para a comissão de Arte.

Foi resolvido oficial ao agente da Voz Sindical, a fim de comparecer na sede a tomar conta dos exemplares chegados.

Foram ainda tomadas as seguintes resoluções:

Pagar as despesas da delegacia de 1 do corrente a Matosinhos; oficial as secções convidando-as a enviarem ao Núcleo cópias dos seus relatórios, bem como indicarem os seus delegados à comissão de Educação e Propaganda em 1926.

Foi resolvido também rectificar o último extracto publicado em «A Batalha» na parte que se refere ao camarada Lúcio Ferreira da Silva que por lapso saiu em feminino, e no que se refere aos delegados nomeados para representar o Núcleo no próximo Congresso Juvenil, dos quais, tendo sido indicados pela comissão administrativa, foram aprovados dois e, depois de larga discussão substituído o camarada Zacarias de Lima, também indicado, por Lúcio Ferreira da Silva (secretário geral para 1926).

Por fim, foi resolvido dirigir aos jovens o seguinte:

Apelo.—Todos os jovens, bem como os simpatizantes da organização juvenil, deverão assinar «O Despertar», órgão da F. J. S., e «O Grito da Juventude», órgão do Núcleo do Porto, para o que se encontra algum na sede, rua de Entreparedes, 33, 1.º, todos os dias úteis das 20 às 23 horas.

A VOZ DA CADEIA

CORREIO DOS PRESOS

Carrascalão.—Já tenho em meu poder os jornais por ti pedidos. O Conselho Jurídico já oficiou aos sindicatos e a Federação do Livro e do Jornal já tratou do teu pedido. O sr. Domingues recebeu a carta e está disposto a fazer alguma coisa por ti.

A VOZ DA CADEIA

CORREIO DOS PRESOS

Carrascalão.—Já tenho em meu poder os jornais por ti pedidos. O Conselho Jurídico já oficiou aos sindicatos e a Federação do Livro e do Jornal já tratou do teu pedido. O sr. Domingues recebeu a carta e está disposto a fazer alguma coisa por ti.

A VOZ DA CADEIA

CORREIO DOS PRESOS

Carrascalão.—Já tenho em meu poder os jornais por ti pedidos. O Conselho Jurídico já oficiou aos sindicatos e a Federação do Livro e do Jornal já tratou do teu pedido. O sr. Domingues recebeu a carta e está disposto a fazer alguma coisa por ti.

A VOZ DA CADEIA

CORREIO DOS PRESOS

Carrascalão.—Já tenho em meu poder os jornais por ti pedidos. O Conselho Jurídico já oficiou aos sindicatos e a Federação do Livro e do Jornal já tratou do teu pedido. O sr. Domingues recebeu a carta e está disposto a fazer alguma coisa por ti.

A VOZ DA CADEIA

CORREIO DOS PRESOS

Carrascalão.—Já tenho em meu poder os jornais por ti pedidos. O Conselho Jurídico já oficiou aos sindicatos e a Federação do Livro e do Jornal já tratou do teu pedido. O sr. Domingues recebeu a carta e está disposto a fazer alguma coisa por ti.

A VOZ DA CADEIA